

Barbosa Lima Sobrinho

CONFESSO que hesitei no título: dívida **impagável**. Mas consultei Mestre Aurélio, e vi que todos os sentidos do adjetivo se ajustavam ao presente problema da dívida externa brasileira ou terceiro mundista. **Impagável** quer dizer que não se pode, ou não se deve pagar. Mas também significa assunto muito engraçado, cômico, excêntrico, ridículo, hilariante. Não será tudo isso a idéia do pagamento da dívida externa? Tanto mais que não somos nós os únicos que a achamos **impagável**. Nem precisamos invocar a opinião de Fidel Castro. Há manifestações muito mais significativas, como, por exemplo, a da poderosa e implacável Senhora Margaret Thatcher, que eu quase ia chamando Rainha da Inglaterra, mas que é muito mais do que isso, como Chefe do Gabinete que governa aquele país.

Pois que foi a Senhora Thatcher que tanto considerou impossível o pagamento da dívida, com a restituição dos dólares que não vieram, que lembrou, como alternativa, a idéia de entregar, em compensação, as ações que traduzem o domínio da Petrobrás e da Vale do Rio Doce, e até mesmo da Eletrobrás, como começo de conversa. Não creio que a Senhora Thatcher tivesse pensamento tão revoltante, como espoliação ou assalto, se não considerasse de todo impossível o pagamento da dívida em moeda de curso internacional. Não a estou difamando quando a incluo entre as primeiras pessoas que consideraram **impagável** a dívida externa do Brasil.

Tanto mais que não foi apenas a Sra. Thatcher que assim pensou. Também concordava com ela o austero e sisudo Sr. Kissinger, cuja voz, de tons acentuadamente graves, bem que poderia ser a voz da bolsa de Wall Street, se ela pudesse ou quisesse falar. Para o Sr. Kissinger haveria solução fácil para o problema da dívida externa:

bastaria admitir que o pagamento, em vez de dólares, fosse realizado com a emissão de papel-moeda. Nem haveria necessidade de trocar o cruzeiro por dólares. Bastaria armazenar as emissões em lugares convenientes. Poderiam ser até mesmo cofres-fortes subterrâneos, ou imensos galpões protegidos contra o fogo. O resultado seria o mesmo, com a desvalorização crescente do cruzeiro, para que o dólar pudesse comprar o que entendesse. No fundo, os dois planos se completariam, o da Sra. Thatcher e o do Sr. Kissinger, num projeto entreguista em que se atribuisse ao dólar um poder incontestável, dentro das fronteiras brasileiras. Qual seria a sorte do Brasil, quando um dólar passasse a valer cem, duzentos mil, um milhão de cruzeiros? Já estamos nesse caminho, com o dólar a dez mil cruzeiros, que leva o Brasil a trabalhar de graça para os portadores de dólares. Os subsídios surgem para isso mesmo, para cobrir a depreciação do cruzeiro, no mercado internacional.

O que é curioso é que já tivemos um Ministro do Planejamento que entendia que não haveria mal em dever, se o pagamento se fizesse em moeda nacional dos países devedores. O que estaria certo, se o devedor não dependesse senão de si mesmo. Mas, desde que tem necessidade de vender e de comprar, o resultado último seria esse mesmo de trabalhar de graça para os outros, como num regime de escravidão em que a soberania nacional se transforma em vitupério, quando não num cruel sarcasmo, pagando, pelas mercadorias exportadas, talvez mais do que os seus felizes consumidores em terras estrangeiras. Para se comprovar que o Sr. Kissinger sabe muito bem o que está propondo, e qual o verdadeiro beneficiário de suas fórmulas e de suas idéias. Nem se precisa delas, para que o dólar se inclua no plano da guerra nas estrelas, obediente ao virgiliano *sic itur ad astra*. É assim que se chega àquele céu, em que cabe ao

Dívida impagável



Presidente Reagan desempenhar as funções e exercer os poderes de Jupiter Tonante. Quando o mérito final é menos da Casa Branca do que dos banqueiros venturosos, que se acastelam em Wall Street.

Por isso, Fidel Castro se vale da situação mundial, para tirar proveito, para a sua causa, dos excessos, ou dos erros dos banqueiros internacionais, e insiste numa campanha irresistível, para demonstrar que a dívida não poderá ser paga, seja qual for a intenção do Terceiro Mundo. Suas palavras já chegaram ao Brasil, através da reportagem de Joelmir Betting. E não é apenas ele que entende que não há possibilidade de satisfazer os compromissos da dívida externa do Terceiro Mundo. Também nos Estados Unidos, além do Sr. Kissinger, há que contar com o Sr. LaRouche, e com a publicação irreverente que é *The Executive Intelligence Review*. O Sr. LaRouche é um político de algum prestígio no Partido Democrático, ao ponto de se incluir entre os candidatos, na disputa da

indicação para a Presidência dos Estados Unidos. E sua proposta para a solução do problema da dívida externa do Terceiro Mundo parte de uma redução drástica dos juros impostos aos devedores. Nada acima de 2%, diz ele, em face de uma realidade em que há juros acima de 20%. Será justo cobrar, não direi dos governantes, mas do povo sofrido desse Terceiro Mundo, juros de 22%, "juros obscenos, na linguagem de Fidel Castro, juros imorais?"

Essa é a essência do problema. Os empréstimos foram tomados pelos governos, mas é o povo quem vai pagar. E como exigir dele esse imenso sacrifício, se nem sequer foi ouvido no contrato dos empréstimos, feitos, em sua quase totalidade, pelo Poder Executivo, sem a intervenção do Poder Legislativo, ou sem qualquer aprovação popular?

Os empréstimos foram tomados em estado de necessidade, para acudir aos prazos do vencimento das dívidas, o que vale dizer sob a influência de uma coação irresistível. Na ausência do verdadeiro pagador, que é o povo e não os governos. Tendo por objeto uma obrigação indeterminada, como o pagamento de juros móveis. Os argumentos de ordem moral estão agora do lado dos devedores, e não dos credores, que se cobrem com o gorro dos usurários. De uma lado Harpágão; do outro, povos que lutam contra a miséria. Será difícil a opção, num mundo realmente livre?

A falta de apoio moral para a cobrança das dívidas justifica que cada país devedor faça as suas contas, e fixe os limites dos pagamentos que se propõe fazer. Há que traduzir em algarismos a recessão que se deseja evitar. Ou o desemprego que se repudia. Ou a fome do povo que se admite possa estar em jogo. E se o problema é mundial, por que não encará-lo e resolver em termos também mundiais? Para manietar os especuladores dos petrodólares, intimidados pelo número imenso dos espoliados.